



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS



Isabelle Sabrina Silva

LUARAZUL: ARTE, YOGA E TEATRO EM ESPIRAIS DE APRENDIZAGENS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como requisito parcial para a obtenção do diploma de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientadora: Profa. Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini

Ouro Preto
2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabelle Sabrina Silva

LUARAZUL: arte, yoga e teatro em espirais de aprendizagens

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Aprovada em 22 de junho de 2022

Membros da banca

Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto
Ms. Paulo Ricardo Maffei de Araújo - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Higgor Vinicius Vieira - Espaço Luar Azul

[Neide das Graças de Souza Bortolini], orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 17/08/2022



Documento assinado eletronicamente por **Neide das Graças de Souza Bortolini, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/08/2022, às 11:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0382228** e o código CRC **EB3BFCAB**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais José Margarida e Glória Inês por confiarem em mim e apoiarem a minha formação.

À Neide das Graças de Souza Bortolini, minha orientadora, obrigada por todos os ensinamentos e principalmente por me dar todo o suporte necessário em minhas inquietações.

Ao Higor Vinicius Vieira por todas as oportunidades, por estar comigo desde o início, por acreditar em mim e possibilitar a minha participação no Espaço LuarAzul.

Ao Paulo Maffei, professor e amigo, obrigada por aceitar o convite de ser membro da banca, por ter sido um excelente professor durante grande parte da minha graduação.

RESUMO

O Espaço LuarAzul é uma escola livre de Arte, Yoga e Teatro fundada em outubro de 2016 pelo professor-artista Higgor Vinicius Vieira. A princípio, tratava-se de um projeto voluntário de fomento à cultura, em que foram reunidos crianças e jovens com o intuito de desenvolver oficinas de teatro na cidade de São Gonçalo do Rio Abaixo/MG. A partir desses encontros, surgiu a oportunidade de que o LuarAzul se apresentasse no Primeiro Festival Drummond na cidade de Itabira/MG em 2017. Após cinco anos de existência, o LuarAzul amadureceu sua proposta educacional e artística, passando a ter um espaço próprio na cidade de Itabira e a oferecer aulas particulares de Hatha Integral Yoga para jovens e adultos, Arte Yoga infantil e infanto-juvenil e aulas de Teatro (Teatralize) para o público jovem. A partir dessas três esferas, o espaço promove vivências transformadoras por meio da arte e do movimento, valorizando a saúde e o bem-estar, vislumbrando o olhar sensível e a modificação afetiva do “ser” em sua potência criadora. Considerando a trajetória do LuarAzul, o presente trabalho pretende discutir a metodologia utilizada nesse Espaço inspirada pela ideia de espirais de aprendizagem, a partir de termos sugeridos por Marina Marcondes Machado (2011), tais como teatralidade, corporalidade, espacialidade e musicalidade ao lado dos princípios do Hatha Yoga Integral. A fim de auxiliar essa discussão, servirão de inspiração as ideias expostas em artigos de Marina Marcondes Machado (2010, 2011, 2012, 2015), Maryana Priscilla Silva de Morais (2019), Beatriz Angela Vieira Cabral (2006), Vitor Turner (1974), Ana Beatriz Barbosa Silva (2014), Nara Keiserman (2009) e Carmela Soares (2009). Todos esses autores sugerem em seus textos uma melhor maneira de se trabalhar as artes cênicas com crianças e jovens de forma mais circular ou, ainda, nas chamadas espirais de aprendizagens no processo de desenvolvimento.

ABSTRACT

LuarAzul Space is a free school of Art, Yoga and Theater founded on October 2016 by the teacher-artist Higgor Vinicius Vieira. At first, it was a voluntary project to promote culture, where children and young people were gathered to develop theater workshops in the city of São Gonçalo do Rio Abaixo/MG. After these meetings, a proposal came up to LuarAzul to perform at the First Drummond Festival in Itabira – MG, in 2017. After five years of existence, LuarAzul has matured its educational and artistic proposal, starting to have its own space in Itabira/MG, offering private classes of Hatha Integral Yoga for young people and adults, Art Yoga classes for children and adolescents, and Theater classes (Teatralize) for young people. From these three spheres, the Space promotes transformative experiences through art and movement, enhancing health and well-being, glimpsing the sensitive gaze and the affective modification of "being" in its creative power. Considering the trajectory of LuarAzul, the present paper intends to discuss the methodology used in this space inspired by the idea of learning spirals, based on terms suggested by Marina Marcondes Machado (2011), such as theatricality, corporality, spatiality and musicality alongside the principles of Hatha Yoga Integral. In order to assist this discussion, the ideas presented in articles by Marina Marcondes Machado (2010, 2011, 2012, 2015), Maryana Priscilla Silva de Morais (2019), Beatriz Angela Vieira Cabral (2006), Vitor Turner (1974), Ana Beatriz Barbosa Silva (2014), Nara Keiserman (2009) and Carmela Soares (2009) will serve as inspiration. All these authors suggest in their texts a better way to work the performing arts with children and young people in a more circular way, or even in the so-called learning spirals in the development process.

SUMÁRIO

I - Experiências entre atividades educacionais presenciais e à distância.....	6
II - Vivências no LuarAzul	10
II.I - Arte Yoga, corpo e teatralidades	12
II.II - Teatralize	17
II.III - Jogos Corporais	21
II.IV - O drama como método de ensino	24
II.V - Professor-artista.....	25
Considerações finais: espirais de aprendizagens.....	26
Referências	29

I. Experiências entre atividades educacionais presenciais e à distância

O Espaço LuarAzul é um ateliê livre de Arte, Yoga e Teatro. Localizado na cidade de Itabira/MG¹, foi fundado em outubro de 2016 pelo professor-artista Higgor Vinicius Vieira² – formado em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. A princípio, tratava-se de um projeto voluntário de fomento à cultura, que reuniu cerca de trinta e sete crianças e jovens com o propósito de desenvolver oficinas de teatro, aos sábados, na cidade de São Gonçalo do Rio Abaixo/MG. A partir desses encontros, surgiu a proposta de que o núcleo de criação LuarAzul se apresentasse no Primeiro Festival Drummond³, na cidade de Itabira/MG, em 2017. Foi, então, realizado o primeiro trabalho de criação cênica a partir das obras de Carlos Drummond de Andrade. Intitulado “Para sempre, à luz de Drummond” – uma adaptação das poesias desse autor –, foi produzido e dirigido por Higgor Vieira, com o envolvimento dos jovens que participavam do projeto. O espetáculo foi apresentado duas vezes: a estreia aconteceu em Itabira e a segunda performance foi realizada em São Gonçalo do Rio Abaixo, a convite do Secretário de Cultura da época. Ambas as apresentações aconteceram entre os meses de setembro e novembro de 2017.

Foi assim que conheci o professor Higgor Vieira e seu trabalho – na supracitada apresentação em São Gonçalo do Rio Abaixo. A partir desse momento, passei a participar como voluntária e coordenadora do Núcleo Musical do projeto, desenvolvendo a adaptação de músicas para os espetáculos juntamente a meus colegas Tiago Labiapari e Raiene Romano. Nas palavras do próprio criador do ateliê:

O Espaço LuarAzul foi criado no final de 2016, quando eu, professor-artista, desenvolvi um projeto voluntário em São Gonçalo do Rio Abaixo/MG, com 37 crianças e jovens, com o propósito de resgatar e incentivar o potencial criador de cada Ser através do teatro, da experimentação corporal em yoga, mediação artística, investigações cênicas; um sentido renovador e transformador que promovia o desenvolvimento sensível, emocional, psicofísico, intelectual e coletivo. Através dos encontros semanais, buscávamos partilhar estes momentos de criação, estimulando a criança e/ou o jovem ao (re)conhecimento e a valorização de si.

¹ O espaço está localizado na Rua Alfredo Sampaio, 143, sala 4, Pará, Itabira.

² Higgor Vinicius Vieira completou a Licenciatura em Artes Cênicas em 2013, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Fundador, Diretor e professor do Espaço LuarAzul (Arte, Yoga e Teatro). Co-criador e Artista-educador do Projeto Ateliê de Teatro em Itabira/MG 2016 Professor de Arte na Escola Estadual Major Lage em Itabira/ MG 2022. Tem experiência na área de Artes Cênicas, com ênfase em Teatro-Educação, Mediação Artística, Artes do Corpo, Teatro com idosos, Presença Cênica, Teatro e Infância e Yoga. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1863019490125788>. Acesso em: 13/04/2022. Formação em Hatha Yooga Integral pela escola Jaivida, formada por Shatnanda

³ Festival artístico literário realizado em homenagem ao poeta Carlos Drummond Andrade.

O LuarAzul possuía um caráter mambembe e itinerante, pois nesta época não tínhamos espaço físico próprio, patrocinadores, éramos força e determinação em busca da realização dos nossos espetáculos e da continuidade das oficinas semanais. O Espaço LuarAzul, se dividia em núcleos: o Núcleo de Criação, coordenado pelo professor Higgor Vieira, que desenvolvia os processos criativos a partir das experimentações teatrais, concepção e criação dos espetáculos. Dentro deste núcleo havia o Núcleo Musical, coordenado pelos artistas Isabelle Greco, Raiene Romano e Tiago Labiapari, que produziam as músicas dos espetáculos e se apresentavam, juntamente, em todas as atividades artísticas, sejam elas nas oficinas semanais e/ou nos espetáculos; o Núcleo Pedagógico, coordenado pela pedagoga Andréa Gonçalves, que desenvolvia o caráter pedagógico da formação do espectador, bem como a dialogicidade das cenas com a participação das crianças e jovens do Núcleo de Criação; o Núcleo de Comunicação, coordenado por Iolanda Costa, com o apoio dos jovens do projeto que se interessavam pelos registros e documentação dos ensaios/espetáculos; e, por último, o Núcleo de Produção, que não chegou a ter um coordenador, mas tinha como propósito produzir o Espaço LuarAzul em sua trajetória artístico-cultural (VIEIRA, Higgor, 2022, histórico do Espaço LuarAzul, texto inédito, arquivo pessoal da autora).

Essa experiência me proporcionou uma maior maturidade para o momento em que fui para a sala de aula como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID Artes)⁴, que ocorreu de forma remota durante a pandemia da COVID 19 em 2020⁵. Como eu já havia trabalhado com alguns adolescentes no LuarAzul em São Gonçalo, foi possível aproveitar algumas das atividades em meu projeto pedagógico na Escola Estadual João Ramos Filho na cidade de Mariana/MG.

Nessa ocasião, dentre as atividades realizadas em função do PIBID, juntamente ao colega Augusto José Martins, desenvolvi algumas oficinas de *slam poetry*⁶, o que se assemelha às batalhas de *rap*⁷. As oficinas ocorreram no período de novembro de 2020 a novembro de

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 23/05/2022. A coordenação foi realizada pelo professor Marcelo Rocco e teve como preceptora a professora Juliana Comti da Escola Estadual João Ramos Filho.

⁵ “30 de janeiro de 2020 – A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou nesta quinta-feira (30), em Genebra, na Suíça, que o surto do novo coronavírus (2019-nCoV) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)” Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>>. Em 2022, segundo a OMS a Pandemia COVID 19, até o momento, conta com 589.680.368 casos registrados e com 6.436.519 mortes registradas no mundo. No Brasil, até o momento, foram registrados 34.178.240 casos e 681.557 mortes, até o momento. Sabe-se que estes números são ainda maiores, dadas às subnotificações. Dados disponíveis em <<https://covid19.who.int/region/amro/country/br>> Acesso em 18/08/2022.

⁶ O *slam poetry* é uma batalha de poesia falada e, nessa batalha, os *slammers* (nome dado aos poetas que produzem *slams*) apresentam suas poesias sem a ajuda de objetos cênicos, cenário ou arranjos musicais. Os jurados são compostos por cinco pessoas aleatórias da plateia, para reforçar a ideia de que qualquer um pode fazer um *slam* e qualquer um pode julgá-lo. E, logo após a apresentação, o *slam* é julgado podendo receber uma nota de zero a dez. Das cinco notas dadas, a maior e a menor são descartadas, assim, a nota final pode variar entre zero e trinta pontos. Geralmente ocorrem três rodadas, sendo assim, para ser campeão, o poeta deve ganhar três etapas com três poemas diferentes. Porém, as regras podem variar em cada lugar e evento (SILVA, 2021, p. 2. Texto manuscrito).

⁷ Há dois tipos de batalhas de *rap*: a de conhecimento e a de sangue. Na primeira, os MCs devem desenvolver as rimas a partir de temas que podem ser pré-estabelecidos pelos organizadores ou escolhidos pela plateia no

2021, com discentes do primeiro ao terceiro ano da Escola João Ramos Filho. As oficinas eram ofertadas por série escolar durante a aula de Artes e, normalmente, havia cerca de 20 a 30 discentes na disciplina, porém, poucos desses participavam efetivamente (cerca de cinco a sete aluno(a)s).

Nossa oficina se iniciava com uma breve explicação sobre a história do *rap* e do *slam poetry* e, logo depois, estimulávamos que, de forma livre, os estudantes escrevessem breves textos sobre algum assunto que os afetasse. Após esse momento, cada pessoa lia livremente seu texto e, assim, iniciava-se o *slam* de cada participante. A nossa grande dificuldade com o ensino remoto foi a falta de interação e interesse por parte dos alunos. Ouvíamos relatos de que eles não estavam de fato presentes, pois, durante as aulas, estavam fazendo outros deveres de casa, ou ainda estavam deitados (já que as oficinas ocorriam no período da manhã). Tudo isso causava um certo desânimo em nós, docentes em formação.

Embora realizar atividades educativas de maneira *online* tenha sido muito difícil, após três encontros com cerca de 200 discentes por meio do PIBID, no dia onze de dezembro de 2021 foi realizada uma nova batalha de *slam* e de rima com os alunos que estivessem interessados. Participaram quatro discentes da escola, sendo que o júri foi escolhido aleatoriamente no momento. Houve, inclusive, uma premiação concedida pela Escola Estadual João Ramos Filho no valor de cem reais ao ganhador. Outra dificuldade encontrada nesse momento foi o fato de que, embora a escola já houvesse retomado suas atividades presenciais, a Universidade permanecia em modo remoto, portanto, não foi possível comparecer presencialmente no evento. Participando de forma *online*, expomos nossos projetos e ouvimos dois *slams* que foram produzidos por dois discentes que frequentaram as oficinas, porém, não pudemos presenciar a batalha e o restante do evento.

De volta ao histórico do LuarAzul, onde realizei as atividades relativas ao estágio acadêmico, é importante salientar que, após cinco anos de existência, estudos e buscas, esse ateliê amadureceu sua proposta educacional e artística. Ao conseguir um espaço próprio na cidade de Itabira/MG, pudemos realizar aulas particulares de Hatha Integral Yoga para jovens e adultos, Arte Yoga infantil e infanto-juvenil para crianças de três a onze anos e aulas de Teatro – Teatralize – para o público jovem a partir de doze anos. Com base nessas três esferas, o espaço traz propostas educacionais de criação, acolhimento, afetividade e senso de coletividade,

momento do evento. Já na segunda, os MCs devem atacar verbalmente o seu adversário. Ambas são duelos de improvisação. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/revista-arruaca/batalha-de-rap-intimidade-com-palavras-atraves-das-rimas/>. Acesso em: 31/05/2022.

promovendo vivências transformadoras por meio da arte e do movimento, valorizando a saúde e o bem-estar, e vislumbrando o olhar sensível em sua potência criadora.

Em outubro de 2020, em meio ao caos da pandemia, Higgor Vieira resolveu retomar o projeto. Dessa vez, em um espaço cultural na cidade de Itabira/MG, como citado anteriormente. É preciso lembrar que, naquele momento, ainda não havia vacinação disponível para a população brasileira, sendo que a primeira dose da vacina viria a ser disponibilizada a partir de janeiro de 2021, aos idosos, professores e às pessoas com comorbidades. Nesse momento completamente sensível e desafiador, os atendimentos do LuarAzul passaram a ser desenvolvidos na própria casa do coordenador, que, durante duas semanas, atendeu duas crianças realizando aulas de Hatha Yoga. Em decorrência da crise sanitária, alguns pais começaram a buscar o yoga para seus filhos como forma de atenuar os distúrbios socioemocionais desencadeados especialmente pelo isolamento social.

Em menos de um mês, o LuarAzul havia se tornado uma referência, tornando-se um ateliê livre de estudos e práticas educacionais. As atividades passaram a ser desenvolvidas em um novo espaço alugado para essa finalidade. Com uma atmosfera acolhedora, uma área externa com cerca de dez metros quadrados e uma linda vista da cidade de Itabira e do céu, o espaço se tornou propício para o desenvolvimento da criatividade das crianças e dos adolescentes.

Inicialmente, o professor Higgor Vieira atendia duas vezes por semana uma aluna de nove anos, na parte da tarde, e uma aluna de trinta e sete anos na parte da noite. Ambas praticavam Hatha Yoga. Com sua experiência em arte-educação, o professor Higgor passou a acrescentar arte à prática de yoga destinada aos públicos infantil e infantojuvenil, o que posteriormente veio a ser chamado de “Arte Yoga”. Na turma de adultos, eram oferecidas aulas de Hatha Yoga Integral, que pode ser definida da seguinte forma:

Hatha Yoga Integral é um sistema completo para a transformação pessoal – física, mental, emocional e espiritual. Cada aula é composta de posturas, relaxamento profundo, práticas respiratórias e meditação que resultam em uma profunda experiência de paz e bem-estar. Estudantes de qualquer idade e condição são encorajados a explorar cada postura conforme sua capacidade e atenta observação que surge sem julgamento (ASHRAM-YOGAVILLE. No prelo).

No novo espaço do LuarAzul, atuei de maio de 2021 a fevereiro de 2022 no curso de teatro chamado “Teatralize” e, posteriormente, no “Arte Yoga”⁸, aproveitando essas

⁸ As aulas no espaço LuarAzul foram realizadas presencialmente. O Estágio Supervisionado de Observação e o Estágio Supervisionado de Planejamento e Regência II foram realizados com as orientações dos professores Ernesto Valença

experiências para o desenvolvimento dos estágios acadêmicos obrigatórios, a saber, o Estágio de Observação e o Estágio de Planejamento e Regência II – Departamento de Artes Cênicas/UFOP. Essas vivências presenciais fizeram uma grande diferença em minha formação acadêmica, ainda que a abrangência do número de discentes tenha sido bem menor, devido às medidas sanitárias de combate à pandemia.

As aulas de Yoga buscavam desenvolver as práticas físicas, mentais, emocionais e espirituais. Já o projeto Teatralize começou com o intuito de promover uma iniciação a práticas teatrais e de levar as artes cênicas para os jovens que estavam isolados já há algum tempo, dado o contexto pandêmico. Passei a participar desse projeto ao reencontrar Higgor Vieira quando estava em minha terra natal (em função das atividades acadêmicas remotas). Eu já estava participando do PIBID na Escola Estadual João Ramos Filho, conforme já relatado, mas precisava experienciar a docência em um outro espaço diferente do escolar. As jovens do Teatralize, que eram a princípio duas alunas, receberam-me de braços abertos, e logo me vi encantada com todo potencial que existia ali, naquela pequena sala de um espaço não convencional de ensino, com seus poucos integrantes e atendimento tão personalizado, seguindo as medidas sanitárias frente à pandemia.

II. Vivências no LuarAzul

Ao longo do meu período de estágio no Espaço LuarAzul, Higgor Vieira e eu trabalhávamos juntos, realizávamos reuniões de planejamento das aulas todas as semanas e, assim, em conjunto, definíamos as atividades com as quais trabalharíamos com as crianças e os jovens ao longo da semana. No decorrer do primeiro mês, Higgor percebeu o quanto eu me empenhava no projeto e propôs que eu participasse não apenas como estagiária, mas como professora efetiva do espaço. Para além do Teatralize, propôs que eu colaborasse com a turma de Arte Yoga, de forma a atuar mais na área artística e passar a aprender as práticas de yoga, a fim de, posteriormente, cursar o Hatha Yoga Integral.

Integrando-me às aulas de Arte Yoga e ao Teatralize, trabalhávamos de uma forma que não atuávamos apenas como professores, mas como professores-artistas. De acordo com Machado (2011), esses profissionais se caracterizam por serem professores que, além de

e Paulo Maffei do DEART da UFOP – assim como nas demais disciplinas, os encontros foram realizados pela plataforma *Google Meet*.

facilitar a aprendizagem das crianças, vivenciam com elas propostas artísticas, tornando o saber uma troca, respeitando as crianças como pessoas com bagagens a serem compartilhadas.

“Arte Yoga” é o termo criado pelo professor Higgor Vieira para a metodologia utilizada no Espaço LuarAzul, onde trabalhávamos junto às crianças. Essa metodologia visa a ligação do brincar à corporalidade, em junção à musicalidade, à teatralidade e à espacialidade. Esses termos foram usados por Machado (2011)⁹, que renomeou as quatro áreas da arte sugeridas pelos PCNs¹⁰. A autora acrescentou, também, a filosofia do yoga relacionada ao trabalho de olhar para si, concentrar-se, socializar-se em harmonia respeitando todos os seres. Assim, ela propõe a noção de “abordagem em espiral” em resposta à “abordagem triangular” sugerida por Barbosa (2010)¹¹ em seu último livro. Machado (2011) afirma que:

Nesta espécie de mediação espiral, pensei que as linguagens artísticas, se renomeadas, poderão flexibilizar-se, ganhar roupa nova para sair às ruas e imaginei as seguintes palavras-chave: teatralidades; corporalidades; espacialidades e musicalidades. Também pensei que não precisariam ser “linguagens” nem tampouco “áreas”: mas, antes, âmbitos da experiência humana, territórios do nosso saber. Seria nesta chave que surgiriam “novos rumos” para o ensino do teatro (MACHADO, 2011, p. 3).

Em seu texto “Fazer surgir antiestructuras: abordagem em espiral para pensar um currículo em arte”, Machado (2012) dialoga com a abordagem triangular, assim conceituada por Barbosa (2012)¹², reformulando alguns dos conceitos considerando a abordagem em espiral, na qual nos inspiramos em nosso trabalho no LuarAzul. Trata-se de “conhecer a história, o próprio fazer artístico e saber apreciar a obra de arte” (MACHADO, 2012, p.3). Nesse sentido, promovemos uma interação entre as artes e conhecimentos do corpo, abarcando as fantasias afloradas pelas crianças ao longo das aulas.

⁹ Marina Marcondes Machado é mestre em Artes e com pós-doutorado em Pedagogia do Teatro, formadora de professores. Autora dos textos “A criança é performer”, “Novos rumos para o ensino do teatro: Reflexão sobre currículo e cena contemporânea.” Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1719355914625152>. <https://agachamento.academia.edu/MarinaMarcondesMachado>. Acesso em: 17/05/2022.

¹⁰ Os PCNs são os Parâmetros Curriculares Nacionais. Trata-se de um conjunto de textos, cada um sobre uma área de ensino, que servem para nortear a elaboração dos currículos escolares em todo o país. Os PCNs não constituem uma imposição de conteúdos a serem ministrados nas escolas, mas são propostas nas quais as Secretarias e as unidades escolares poderão se basear para elaborar seus próprios planos de ensino. Disponível em: <https://www.educabrazil.com.br/pcns-parametros-curriculares-nacionais/>. Acesso em: 17/05/2022.

¹¹ Ana Mae Barbosa é professora titular aposentada da Universidade de São Paulo (USP). Atuou no Doutorado em Ensino e Aprendizagem de Arte, que implantou na Escola de Comunicações e Artes, e nos Mestrados e Doutorados em Design, Arte e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi. É pioneira em arte-educação por sua sistematização da abordagem triangular. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte/>. Acesso em: 13/06/2022.

¹² A professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa foi aluna de Paulo Freire e criou a Abordagem Triangular, conforme aponta Ingrid Matuoka “Aluna de Paulo Freire, desenvolveu um método de ensinar por meio da arte, conhecido como Abordagem Triangular, que se sustenta em três pilares: conhecer a história, o próprio fazer artístico, e saber apreciar uma obra de arte.” Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte/#:~:text=Aluna%20de%20Paulo%20Freire%2C%20desenvolveu,apreciar%20uma%20obra%20de%20arte>. Acesso em: 18/08/2022.

Assim como ocorre em vários âmbitos das artes cênicas, tais como os *happenings*¹³ e as performances, nos apoiamos no *work in process* (trabalho em processo)¹⁴ e, dessa forma, vemos, a cada aula, a evolução de cada pessoa. Não visamos um trabalho final, ou uma apresentação artística, pois possuímos um objetivo artístico/educacional a ser alcançado em cada momento. Exemplo disso é o fato de que em uma certa aula no mês de janeiro de 2022, percebemos que as crianças precisavam trabalhar mais a lateralidade corporal e, então, planejamos uma narrativa fictícia, com pequenos desafios para que as crianças caminhassem em um circuito montado no plano inferior feito com suportes coloridos. A história ou fantasia que acompanhava o circuito se passava em uma floresta ambientada por alguns objetos deixados ao redor do espaço para que as crianças imaginassem o que seriam aqueles obstáculos. Assim, também era necessário que em cada parada fosse feito algum *ásana*¹⁵ (que em sua maioria tem nome de animais), de forma a levar as crianças a trabalharem o yoga, as artes, a lateralidade, o equilíbrio, a concentração e a imaginação de forma prazerosa e brincante.



Imagem 1 - Processo criativo do dia 9 de março de 2022. Fonte: Arquivo pessoal da autora.¹⁶

¹³ Para Kirby (1965), um dos maiores teóricos do *happening*, trata-se de "uma forma especificamente composta de teatro, na qual diversos elementos não lógicos, principalmente um a maneira de representar não prevista antecipadamente, não organizada dentro de uma estrutura compartimentada" (KIRBY, 1965, p. 21, *apud* PAVIS, 2008, p. 191).

¹⁴ Sobre esse termo, Cohen (1997) afirma que: "Adoto essa terminologia oriunda da ciência e, nas artes, utilizada prioritariamente na literatura e nas artes plásticas. Autores como Heuvel (*Performing Drama/ Dramatizing Performartce*; Michigan, The University ofMichigan Press, 1991), abordando a cena contemporânea, fazem um recorte enquanto 'teatro da Avant-Garde - anos 80/90' ou 'cena pós-moderna', optei por enfatizar a genealogia dessas criações apoiadas no processo, na permeação, no risco, no devir" (COHEN, 1997, p. 18).

¹⁵ "Asana" é uma palavra em sânscrito que significa "postura confortável". Há uma analogia entre o termo e os animais, pois muitas das posturas se assemelham às posições de animais, devido à proximidade do yoga com a natureza. Disponível em: <https://namu.com.br/portal/corpo-mente/yoga/asana-o-que-e-e-como-e-realizada/>. Acesso em 31/05/2022.

¹⁶ Todas as fotos presentes neste artigo foram autorizadas pelos responsáveis dos alunos.

II.I. Arte Yoga, corpo e teatralidades

As aulas de Arte Yoga são realizadas em uma atmosfera de energia e alegria, uma vez que há na criança o grande potencial artístico. Buscamos, ao longo do processo, desenvolver individualmente a melhor habilidade corporal e artística de cada uma delas, a fim de despertar o amor pela arte enquanto brincam.

As crianças de Arte Yoga se sentem pertencentes ao Espaço LuarAzul, gostam de yoga, sabem os nomes dos *asanas*, recitam os *mantras*¹⁷ e realizam os *pranayamas*¹⁸. Essa desenvoltura é percebida já na terceira semana de aula. As aulas têm a duração de uma hora e quinze minutos e acontecem em dois dias da semana, totalizando uma vivência de duas horas e trinta minutos semanais. As turmas são formadas por até nove crianças e contam com dois professores trabalhando juntos. Atualmente, o LuarAzul possui duas turmas diferentes, com cinco participantes em cada, que possuem idades entre três e dez anos.

Por meio dos *asanas*, que em sua maioria tem nome de algum animal, as crianças brincam, criam, jogam e exploram a realidade como se estivessem sempre vivendo uma fantasia. Os principais *asanas* trabalhados são: *Surya Namaskaram* (saudação ao sol); *Bhujangasana* (posição da cobra); *Matsyasana* (postura do peixe); *Marjaryasana* (postura do gato). Em geral, utilizamos as traduções (e não o nome em sânscrito) para que as crianças memorizem mais facilmente as posturas. A atividade também proporciona o despertar da imaginação, pois quando são realizados jogos em que nos inserimos ficticiamente em, por exemplo, uma floresta, as crianças são convidadas a fazerem os *asanas* de acordo com o que aprenderam.

¹⁷ Mantra é uma estrutura de som de uma ou mais sílabas que apresenta um aspecto particular da vibração divina. A repetição mental concentrada do mantra produz vibrações dentro de todos os sistemas do indivíduo que estão em sintonia com a vibração divina (SATCHIDANANDA ASHRAM-YOGAVILLE, BUCKINGHAM. No prelo).

¹⁸ Pranayamas, ou práticas de respiração, são práticas muito sutis e poderosas, elas energizam intensamente todo o sistema e ajudam a acalmar e a limpar a mente (SATCHIDANANDA ASHRAM-YOGAVILLE, BUCKINGHAM, 2020, p. 109).



Imagem 2 – Alunos de Arte Yoga infantil realizando o asana Bhujangasana (postura da cobra).
Fonte: acervo da autora.

O yoga, enquanto atividade corporal, está em diálogo com as propostas presentes na obra de Cabral (2019) – *A Psicomotricidade Relacional Como Prática Educativa Para Inclusão De Adolescentes Com Deficiência Intelectual Na Educação Física Escolar* – no que concerne às construções corporais integradas:

[...] havendo uma construção de estruturas, na qual cada um respeita e complementa o trabalho do outro, sendo estas estruturas corporais, de objetos, e plásticas, consistindo numa busca pela comunicação livre e que não necessite de mediação, [...] o processo de entendimento não será uma obrigação para o indivíduo, e sim um processo dado pelo prazer (LAPIERRE e AUCOUTURRIER, 2004, apud CABRAL, 2019, p. 17).

Considerando as estruturas integradas, buscamos sempre promover a interação entre as crianças. Entretanto, isso se dá de forma mediada, isto é, com a participação de professores ou mesmo de colegas, quando os mais velhos se dispõem a ajudar os mais novos. São respeitados os diferentes corpos, entendimentos e, assim, também são praticadas a paciência e a habilidade de empatia com as pessoas.

No espaço corporal e imaginário, as associações entre exercícios de yoga e exercícios teatrais acontecem de forma fluida e rica. Nós, como professores-artistas, adentramos nas fantasias e, a partir daí, levamos a arte, desenvolvendo habilidades com as teatralidades espontâneas ou estimuladas por meio da criação de cenas, histórias e recontos.

Para Machado (2012, p. 17), “trabalhar teatralidades será definir teatro como ‘ação de ver’: pensar com o corpo, lapidar de modo brincante a voz, a máscara, gesto, palavra e detalhes cotidianos e aproximar-se de algo próprio da cultura da infância – o faz de conta”. Isso se dá quando, em conjunto com o professor *performer*, a criança adentra no mundo da imaginação e utiliza seu corpo partindo de um contexto ficcional combinado pelos seres presentes. Trata-se da “busca de um ‘espaço’ imaginativo, cênico e de um ‘tempo’ ficcional (*Agora eu era... Era*

uma vez, muito tempo atrás, muito longe daqui... Quando eu era...)” (MACHADO, 2012, p.17, grifos do original).

A corporalidade se desenvolve junto ao espaço, de modo que a pessoa esteja em sincronia com a espacialidade, ou seja, o ser se reconhece no espaço e, na maioria das vezes, também o ressignifica.

Colorindo autorreferências, por meio da ampliação do que podemos chamar um leque de identificações, seja por semelhança, seja por oposição, a criança e o jovem experienciam gesto e linguagem, em direção a um campo antropológico rico e relacional, revelador de um “eu”, um “nós” e um “mundo”. Será especialmente inserido no tempo da infância, tempo e espaço trabalhados a partir do tripé que o filósofo Gaston Bachelard propõe em suas *poéticas* – o tripé memória/imaginação/poesia, aquilo que alguns nomeiam “trabalho corporal” será revelado como a expressão do corpo próprio, imaginação viva e encarnada que sobe no tripé do filósofo: *sobe, e desce, e pula, e gira, e cai, e levanta e sobe de novo...* (MACHADO, 2012, p. 18, grifos do original).

É importante pensar que cada corpo carrega em si uma forte história vinda de seus antepassados e das relações vividas entre família ou núcleo social, logo, a forma como cada corpo se move ou se aquieta no espaço é reveladora em determinados exercícios. Trabalhar a corporalidade não é apenas alongar, fazer *asanas* ou dançar, para além disso, é desenvolver o corpo junto ao espaço coletivo e, principalmente, saber respeitar os diferentes corpos que se relacionam juntos, aprender a transitar entre as diferentes histórias que partilham o mesmo espaço.

No que diz respeito à relação entre corporalidade e espacialidade, Machado (2012) considera que:

Corporalidades e espacialidades são experiências gêmeas. O espaço corpo próprio, meu “eu”, vai ao encontro do mundo e do outro: a espacialidade revela minha relação com tudo que me rodeia, de modo concreto, material, sensível-sensorial. O trabalho com desenho, construções, pintura, argila, quadrinhos, painéis e tudo mais enriquece meu conhecimento da corporalidade, do outro e do mundo, e me chama para a concretude do brincar na chave da teatralidade (usufruto do corpo e dos objetos criados para brincar). Tornar-se apto a criar sua “poética pessoal” – cotidianamente, e não para “uma exposição” (MACHADO, 2012, p. 18).

Nesse sentido, pensando no quanto o corpo e o espaço se relacionam, utilizamos, em nossas aulas, o ato de brincar para abarcar também a materialidade, trazendo para os alunos diversos objetos capazes de serem ressignificados de acordo com a imaginação e, dessa forma, eles passam a criar corporalmente. Assim, se relacionando com o espaço e pensando teatralmente, montam cenários, imaginam histórias, roteiros e figurinos, estando livres para liberar toda a imaginação. Aproveitamos para promover o contato com diferentes espaços, como a natureza ou locais públicos como os museus e teatros da própria cidade.

A musicalidade, por sua vez, vai além de cantar ou tocar um instrumento, já que o universo produz sons a todo momento. Aliás, é desse pensamento que surge o mantra OM no yoga, que significa o som universal. Esse mantra é recitado para iniciar todas as aulas e, dessa forma, os(as) alunos(as) se concentram e se aquietam, entendem que a aula já começou. Desse modo, não trabalhamos apenas a música com as crianças, mas também os sons que existem no universo. Sobre essa questão, Machado (2012) afirma que:

A música está “debaixo do barro do chão” e também, muito especialmente, no silêncio: é lá onde está a musicalidade em potencial. Ser musical no corpo e nas relações, na lida com os meios e com os materiais: voz, ruídos, onomatopeias, sons de todos os objetos cotidianos [...] (MACHADO, 2012, p.17).

É do silêncio que nascem os sons e, a partir da musicalidade, trabalhamos essa sensibilidade nas crianças: ouvindo o silêncio, compondo sons com objetos diversos, trazendo músicas, reconhecendo os sons do corpo humano e produzindo sons com seus corpos.

Em seu texto intitulado “A criança é Performer”, Machado (2010) propõe que o professor seja participante, de modo a criar junto, estar presente, ser artista. A autora afirma que:

Nesse sentido, o professor mostra-se, sempre, modelo para as crianças na direção de um ou outro tipo de visão de infância; minha argumentação inicial aqui é que, distanciando-se dos estereótipos do que é bom para a criança pré-escolar, ou do que são conteúdo e forma próprios do infantil, e aproximando-se de uma abordagem antropológica para compreender como as crianças vivem sua vida, seus conflitos, suas dúvidas, suas criações, os professores das crianças de zero a seis anos poderão fazer surgir um espaço potencial de criação e troca entre ele e os alunos, entre o grupo de crianças, entre cada criança e o mundo compartilhado. Essa aproximação antropológica se dá em gesto e palavra, na medida em que os alunos são parte intrínseca de toda e qualquer performance vivida e/ou proposta por seu professor: momentos da convivência e da continuidade dos processos de conhecimento, nos quais o professor se faz performativo e comunica algo aos alunos, seja por meio de diferentes tipos de narrativas ou brincadeiras teatrais a serem experienciadas pelas crianças (MACHADO, 2010, p. 117).

A partir do entendimento de que somos, a todo momento, observados pelas crianças, e de que é a partir de espelhamentos que as personalidades são construídas, buscamos nos relacionar com elas de igual para igual, respeitando que cada ser possui a sua história e sua vivência, e que deve haver trocas no espaço educacional.

Também é necessário deixá-las livres para construir e criar juntas, preservando os ideais de cooperatividade, afetividade e amorosidade entre todos. Desse modo, durante as aulas no LuarAzul, colocamo-nos no mesmo nível em que as crianças na maior parte do tempo, usando a técnica do “agachamento” sugerida por Machado (2015) após uma grande pesquisa acerca

dos pensamentos merlo-pontyanos¹⁹ quanto a primeira infância. Sobre a técnica, a autora afirma: “Dei para a atitude fenomenológica frente às crianças um apelido ou codinome: é o ‘agachamento’ (nome de meu site-blog, mote resumidamente traduzido por mim da seguinte maneira: agachar-se é ir ao chão, onde a criança está)” (MACHADO, 2015, p. 55); sugerindo, assim, o gesto de nos colocarmos na mesma altura das crianças para que elas nos reconheçam como seres semelhantes.

Assim, o professor performa e interage nas atividades desenvolvidas. Como sugerido por Cabral (2006), usamos o drama como forma de ensino e, nesse caso, o professor é também personagem, sendo que os(as) alunos(as) têm autonomia para fazer escolhas dentro de um pré-texto estabelecido.

Machado (2012) também propõe em seus textos o conceito de professor-artista que, como citado anteriormente, ocorre quando o professor, além de mediador, também atua como artista, performando com a criança as fantasias trazidas por ela. Assim, a espontaneidade e a criatividade da infância podem ser exploradas de maneira conjunta ao conhecimento, em vez de serem reprimidas, como acontece, com grande frequência, nos espaços escolares.

O pano de fundo é de fato podermos retomar e repensar os Ateliês Livres, pensados hoje de modo contextualizado, inseridos nas culturas da infância e da juventude tal como se vive agora, início da segunda década do século XXI. É nesta chave que proponho retomar as palavras de ordem “criatividade” e “expressividade”, reatualizadas, discutidas: e não banidas ou censuradas! (MACHADO, 2012, p. 9)

A partir desse pensamento, buscamos, no LuarAzul, retomar esse formato de ateliê livre, exercitando cada vez mais a criatividade e a espontaneidade presentes na criança, sem censurá-la e acolhendo-a com afeto e carinho necessários para seu crescimento e desenvolvimento. Segundo Machado (2012), “trata-se de pensar antropológicamente o ensino de Arte, onde dois importantes fundamentos são: ensino e sou ensinado por meus alunos; meus alunos não são “folhas de papel em branco”, possuem herança cultural e biografia anterior ao encontro comigo e com as aulas de Arte [...]” (MACHADO, 2012, p.19).

A autora mostra, assim, que o professor deve respeitar o fato de que toda criança carrega consigo uma história que deve ser considerada. Uma vez que o(a) professor(a) não é um(a) detentor(a) do conhecimento, assim como ele(a), a criança também possui saberes trazidos de casa, de suas vivências familiares e culturais, da escola e da vida. O Espaço LuarAzul é um

¹⁹ Segundo a Enciclopédia Mirador Internacional, Merleau Ponty: “Filósofo do "sentido", ele foi dos primeiros a interessar-se pela linguística positiva. Procurando revelar a dialética que articula o sentido proferido com o que se acha implícito em nosso comportamento e nas coisas, Merleau-Ponty abriu novas e fecundas perspectivas à pesquisa fenomenológica.” Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/biografias/maurice-merleau-ponty.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em 18/08/2022

ateliê livre onde se busca respeitar e acolher a vivência de cada ser e, ao mesmo tempo, construir conhecimentos. Por isso, o Espaço está aberto para as novas experiências que surgem junto à imaginação: os espirais da aprendizagem.

II.II. Teatralize

O projeto Teatralize tem o objetivo de desenvolver um processo de criação artística coletiva tendo como ponto de partida o individual. Assim, trabalhamos com o desenvolvimento da expressão corporal por meio da mímica, das partituras corporais e da presença cênica.

Para o desenvolvimento das atividades, baseamo-nos em livros como *Jogos teatrais em sala de aula: um manual para o professor* de Viola Spolin (2017) e *Jogos para atores e não atores* de Augusto Boal (1998). Para o desenvolvimento da mímica, partimos dos estudos realizados pelo mímico Jaques Le Coq (2010) em seu livro intitulado *Um corpo poético: uma pedagogia da criação teatral*.

Inspirados em tais obras, realizamos jogos teatrais em grupo na sala de aula com as devidas alterações e cuidados necessários, como o distanciamento social e o uso de máscaras devido à pandemia do coronavírus. No espaço com cerca de cinquenta metros quadrados, mantivemos as janelas e portas abertas, deixando, assim, o ambiente bem arejado.

Procuramos desenvolver atividades que trouxessem elementos dos jogos teatrais para nossos encontros. Criamos um roteiro de aula que era iniciado com um aquecimento corporal antes dos jogos e, nesses momentos, procurávamos trazer para o grupo a força coletiva, a fim de desenvolver a presença de cada uma das pessoas. Esses aquecimentos consistiam na exploração do espaço e do corpo partindo sempre de movimentos extra cotidianos. Com isso, os alunos começavam a despertar as expressões corporais e faciais que seriam propostas nos jogos posteriormente, mesmo com o uso das máscaras.

A turma de Teatralize começou em maio de 2021 a partir do interesse de duas adolescentes, uma de doze e outra de quinze anos, que desejavam aprender a atuar no teatro. Assim, planejamos um formato de curso livre de teatro, organizado por módulos, sendo que os participantes receberiam um certificado com o total de horas e o conteúdo descrito.

Nossas aulas foram feitas com entusiasmo e imaginação, mesmo em plena pandemia, quando não podíamos ter contato físico, o que dificultava o desenvolvimento dos jogos teatrais. Entretanto, estávamos sempre recriando atividades, como o jogo do espelho. Nesse jogo, realizado em duplas, uma pessoa começa a conduzir um movimento e, depois, a outra dá continuidade a uma nova ação. Isso se repete, consecutivamente, até que os movimentos

estejam tão fluidos que não se sabe mais quem propôs cada gesto. Devido à crise sanitária, os jogos eram realizados respeitando a distância física necessária e com o uso de máscaras e álcool em gel no princípio e no fim de cada atividade. Após a vacinação da sociedade, essas vivências se tornaram mais fáceis de serem desenvolvidas.

Realizamos, também, muitos jogos de cena de improvisação e de aquecimento corporal, visto que as jovens estavam há muito tempo isoladas e sem praticarem exercícios físicos. No primeiro módulo, debruçamo-nos sobre a mímica e, com a chegada de mais uma integrante ao grupo (uma menina de onze anos), praticamos muito a presença cênica, fazendo movimentos claros e marcados, usando o exagero das expressões faciais e corporais. Com isso, as alunas se divertiam e sempre nos davam algum *feedback* referente às aulas e, assim, percebíamos que o conteúdo planejado havia sido alcançado.

O jogo que mais obteve sucesso no grupo foi o de improvisação²⁰ com “personagens-tipo”²¹. Nessa prática, o(a) professor(a) propõe um lugar e uma ação, por exemplo, um elevador cheio em que alguém joga uma caixa de pulgas. Aos poucos, os(as) jogadores entram em cena e dão continuidade à proposta. Ao longo do processo, os(as) alunos(as) conseguiram desenvolver melhor as narrativas propostas e deixar cada vez mais claros os movimentos em cena, que evoluíram tanto quanto as expressões corporais, o que é extremamente importante para um bom processo de cena. Os(as) alunos(as) conseguiram desenvolver a história por meio da fala e interagir entre si, mas ainda precisavam exercitar a escuta entre os participantes, o que deixou um pouco a desejar nesse período.

²⁰ Conforme consta no *Léxico de pedagogia do teatro*, “a improvisação é um princípio de treinamento, contribuindo para instaurar a presença cênica de quem atua e consagrando a primazia do corpo na atuação” (ASLAN *et al.* in KOUDELA e SIMÕES, 2015 p. 96).

²¹ Segundo o Dicionário Priberam, uma personagem-tipo é uma “personagem que se considera representativa dos comportamentos e das características físicas e psicológicas de uma classe ou de um grupo social”. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/personagem-tipo#:~:text=per%C2%B7so%C2%B7na%C2%B7gem%C2%B7%2Dti%C2%B7po%20po&text=%5B%20Cinema%20Literatura%20Teatro%2C,%2Dtipo%20ou%20personagens%2Dtipos>. Acesso em: 31/05/2022.



Imagem 3 - Cena do elevador. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ao final do primeiro módulo, fizemos uma cena curta, apresentada no teatro da Fundação Cultural Carlos Drummond Andrade apenas entre nós, já que ainda não era possível realizar apresentações públicas com presença de plateia devido à pandemia. Foi uma cena muda, individual, criada e trabalhada pelos jovens durante as últimas três semanas do módulo I que ocorreu em junho de 2021. No dia da apresentação, os jovens montaram seus figurinos, maquiagens e levaram elementos cênicos – dando início ao conteúdo que seria trabalhado no próximo módulo, a montagem e criação de personagens.



Imagem 4 - Turma Teatralize no camarim do teatro da FCCDA. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No segundo módulo, em junho de 2021, tivemos a chegada de uma outra jovem e a saída de uma delas. Com isso, o grupo passou a ser composto por uma menina de quinze anos, outra

de quatorze e um menino de onze anos. Logo, a interação entre eles era bem dinâmica, considerando suas idades e o fato de que todos já se conheciam anteriormente.

Nessa nova etapa, demos início ao processo de estudo de texto. Em um primeiro momento, levamos um vídeo feito pelo grupo Os barbichas intitulado “Imitose”²². Os(as) discentes se empolgaram com a proposta e quiseram reproduzir a cena, que consistia em uma repetição de gestos e falas de dois pacientes “infectados” pela doença “Imitose”, que acabam a transmitindo para o médico e depois para o mundo. Então, ao longo das aulas, conduzimos esse processo, relembrando o estudo da mímica e da experimentação corporal. Seguimos também com os estudos de som e ritmo, marcação de cena, partitura textual e escuta.



Imagem 5 – Reprodução da cena “Imitose” do grupo Os barbichas. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Como citado, no segundo módulo, trabalhamos a criação de personagens e montamos em conjunto uma cena chamada “O ratinho curioso”, uma adaptação feita pelo professor Higgor Vinicius Vieira da crônica de Fernando Sabino (2006). A partir daí, começamos a trabalhar a cena falada. Fizemos exercícios vocais de aquecimento, com vocalizes, além de aquecimentos corporais juntamente aos vocais. Em sua grande maioria, os exercícios eram propostos intuitivamente de acordo com a disposição e estado dos corpos nas aulas. Nesse período, trabalhamos, também, a sincronia, o ritmo cênico e a escuta entre os integrantes, já que no módulo anterior as cenas foram individuais e no novo módulo seriam em grupo.

Nesse processo, trabalhamos coletivamente a produção de cenário, a elaboração de figurino, o estudo do texto e os ensaios. Os(as) alunos(as) tiveram a oportunidade de apresentar a conclusão dessa experiência para as crianças das turmas de Arte Yoga do Espaço LuarAzul.

²² Cena cômica realizada pelo grupo Os barbixas vinculada no Youtube no ano de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iwjYwHmYO5g>. Acesso em: 31/05/2022.

Com uma pequena plateia, os(as) jovens finalmente puderam sentir a energia e o nervosismo de um dia de estreia, o que resultou em realização pessoal e coletiva.



Imagem 6 - Processo de ensaio da cena "o ratinho curioso". Fonte: arquivo pessoal da autora.

II.III. Jogos Corporais

Os jogos corporais foram a atividade mais trabalhada no ateliê LuarAzul. Por meio deles conseguimos mesclar as artes cênicas com o yoga. Para isso, muitas vezes, utilizamos materialidades distintas e deixamos as pessoas livres para desenvolverem sua imaginação. Ao mesmo tempo, levamos propostas de jogos como o “jogo do encaixe”, em que o(a) professor(a) se coloca como base e propõe que cada aluno se encaixe em alguma parte de seu corpo – vide imagem 7.



Imagem 7 - Jogo do encaixe com o professor Higgor, turma Arte Yoga. Fonte: arquivo pessoal da autora.

Na imagem 8, vemos o mesmo jogo com propostas diferentes. Nessa atividade, propomos aos alunos da turma de Teatralize complementações corporais que formassem um início de dramaturgia. Assim, a partir de uma imagem congelada, foi possível iniciar uma narrativa com base no teatro imagem, conforme sugere Augusto Boal (2011).

A gente lia a imagem como quem lê um texto, você entra na imagem, você transforma aquela imagem, e quando você volta a imagem desaparece, cada um volta para sua casa mas você carrega agora uma transformação operada pela sua ação, pelo seu ato transformador, você transformou e então foi transformado, o que seria impossível uma coisa sem a outra (BOAL, 2011).

Assim, criamos uma cena em que é possível ver união e amor, como sugerido pelos(as) discentes. Com isso, trabalhamos também equilíbrio, concentração e alinhamento corporal, aspectos vindos do Hatha Yoga Integral. Segundo o Mestre Yogui Sri Swami Satchinanda (2020), “pelo equilíbrio de força e entrega, o praticante é capaz de sentir o fluxo de energia necessário para alcançar melhor flexibilidade, força, firmeza e concentração” (SATCHINANDA, 2020, p. 19). Dessa forma, o Hatha Yoga Integral também pode ser utilizado na turma de Teatralize, então, propomos, frequentemente, aquecimentos relacionados a essa filosofia.



Imagem 8 - Jogo do encaixe formando uma fotografia, turma Teatralize. Fonte: arquivo pessoal da autora.



Imagem 9 – Criação de história, cenografia e personagens - Tema de *Halloween* na turma de Arte Yoga.
Fonte: arquivo pessoal da autora.



Imagem 10 – Exercício da massagem na turma de Arte Yoga. Fonte: arquivo pessoal da autora.

II.IV. O drama como método de ensino

Beatriz Angela Vieira Cabral, também conhecida e citada como Biange, é uma autora e pesquisadora do drama como método de ensino. Essa proposta é relatada em seu livro intitulado *Drama como método de ensino* (2006) e, nós, professores-artistas do LuarAzul, inspiramo-nos em sua obra e fizemos algumas alterações a fim de aplicar tal método em nossas aulas. A autora aponta que:

O drama como método de ensino, eixo curricular e/ou tema gerador constitui-se atualmente numa subárea do fazer teatral e está baseado num processo contínuo de exploração de formas e conteúdos relacionados com um determinado foco de investigação (selecionado pelo professor ou negociado entre professor e aluno). Como processo, o drama articula em uma série de episódios, os quais são construídos e definidos com base em convenções teatrais criadas para possibilitar seu sequenciamento e aprofundamento (CABRAL, 2006, p. 12).

Assim, o(a) professor(a) atua junto às crianças e, ao longo do processo, histórias vão sendo criadas. No Espaço LuarAzul, levávamos para as crianças materiais cênicos a serem trabalhados a partir daquilo que elas mesmas propusessem. Apresentávamos aos estudantes um pré-texto e, a partir disso, eles começavam a desenvolver uma história. No decorrer das aulas, trabalhávamos com o que eles traziam, levávamos mais conteúdos e, ao mesmo tempo, atuávamos como “professores-personagens”. Esse termo é empregado por Biange, que coloca o(a) professor(a) como parte do jogo e, ao mesmo tempo, como aquele(a) que propõe as ações que conduzem a criança de acordo com a finalidade do jogo proposto.

A expressão “professor personagem” foi a tradução escolhida para a convenção inglesa “*teacher-in-role*”, justificando-se tanto pela impossibilidade de uma tradução literal, quanto pelas características que o uso desta estratégia foi adquirindo no contexto brasileiro. Ao assumir um personagem, o professor de imediato obtém a atenção da turma mediante o impacto visual causado (figurino e cenário podem apoiar os personagens assumidos pelo professor), e amplia suas possibilidades de introduzir desafios e/ou informações necessárias ao processo coletivo (CABRAL, 2006, p. 19).

Percebe-se que, quando o(a) professor(a) utiliza adereços e assume o papel de personagem, as crianças conseguem desenvolver ainda mais sua imaginação. Adaptando a proposta de Cabral (2006) para nosso contexto, o trabalho se dá em um processo contínuo. Não construímos um cenário pronto, mas utilizamos materiais como caixas de papelão, bolas de plástico, brinquedos, cubos de madeira, dentre outros. Buscamos, com isso, deixar livre a imaginação dos(as) participantes.

Um exemplo de uma de nossas criações é o trabalho com os elementos da natureza. Trabalhamos, primeiramente, com o elemento água. Assim, nas paredes do corredor, colamos peixinhos, cavalos marinhos e algas do mar feitas por nós com EVA. No canto da sala,

colocamos uma cachoeira feita com papel celofane, algumas conchinhas e uma boneca da sereia Iara. Ao entrar na sala, as crianças se depararam com duas bacias com bolinhas de plástico coloridas, papel crepom azul espalhado pelo ambiente e alguns barquinhos feitos com EVA. Junto com as crianças, construímos chapéus de jornal, e então, elas entraram na bacia e disseram ser navegadoras.

Em seguida, praticamos movimentos com as bolinhas para que todos conseguissem jogar bolinhas dentro dos “barcos” uns dos outros. Como continuidade, na segunda aula, levamos as crianças para o exterior da sala onde havia uma ducha e as deixamos livres com os mesmos materiais que havíamos utilizados na aula anterior (avisamos previamente aos responsáveis para que enviassem roupa de banho). Finalizamos, assim, o trabalho com o elemento água com essa grande “festa” no clima quente de verão. Na semana seguinte, começamos a trabalhar com o elemento terra, levando argila branca para que as crianças pudessem conhecer os benefícios da terra em contato com a pele humana.

II.V. Professor-artista

Se as aulas não forem diferentes, animadas, os mesmos manifestarão sua insatisfação, dispersando através de conversas paralelas e bagunças. Portanto, o professor pode ser artista e levar a alegria aos seus alunos, não perdendo sua rigorosidade metódica, pois assim, professor e aluno conseguirão quebrar a rotina, lançando novos olhares sob a prática artística na escola, dando asas à imaginação e criação (VIEIRA, 2011, p. 82).

Para tratar do conceito de “professor-artista”, começo citando um trecho da monografia de licenciatura em Artes Cênicas, escrita e vivida por Higgor Vinicius Vieira, o já mencionado professor criador do LuarAzul. A atmosfera tratada pelo artista, mestre de yoga e educador é efetivamente construída em suas aulas. Em uma reunião do LuarAzul, chegamos à conclusão de que o(a) professor(a)-artista se caracteriza como uma figura de autoridade, mas não autoritário; trabalha com liberdade e busca interagir com a criança, com o coletivo, leva em consideração sua dimensão intuitiva, em vez de propor jogos de maneira rígida.

A junção entre a energia, a presença e o estar presente levando em consideração tudo aquilo que está acontecendo no “aqui e agora” permite, mais uma vez, relacionar o teatro com o yoga. Afinal, para que o ator consiga se desenvolver, são necessários todos esses ensinamentos trazidos do Hatha Yoga Integral. Além disso, é importante considerar a abordagem artística e educacional, como aponta Turner (1974):

Os profetas e os artistas tendem a ser pessoas liminares ou marginais, “fronteiriços” que se esforçam com veemente sinceridade para libertar-se dos clichês ligados às incumbências da posição social e à representação de papéis, e entrar em relações vitais com os outros homens, de fato ou na imaginação (TURNER, 1974, p. 155).

Partindo da ideia de Turner sobre liminaridade, nós, como professores-artistas, pretendemos ajudar a identificar as habilidades de cada pessoa e proporcionar o desenvolvimento dessas habilidades, direcionar o lado sensível, a humanidade, preservando o frescor e a ludicidade da infância. Nos colocamos no limiar em que a criança se encontra, entre a realidade e a fantasia.

Para isso é necessário ter uma prática reflexiva sobre a docência, o que para nós funcionava como um planejamento criativo. Reuníamos-nos toda semana para discutirmos sobre o que fora proposto na semana anterior e como poderíamos continuar a desenvolver o trabalho a partir dos resultados. Assim como Machado (2012), ao abordar a questão do *work in process* (trabalho em processo), nós também valorizamos cada etapa do trabalho da criança, não apenas o produto final.

[...] penso ser necessário repensar um tipo de trabalho com crianças e jovens, em um percurso que não necessitaria de Currículo estrito senso, no sentido de algo fixo, estável, tradicional; nem tampouco seriam imprescindíveis metodologias pré-estabelecidas: é preciso fazer circular um novo aprendizado sobre aquilo que os performers chamam de *work in process* (trabalho em processo) (MACHADO, 2012, p. 9).

Nesse sentido, nossa proposta é realizar cenas curtas ao longo do curso para que possamos avaliar o processo e a evolução apresentada pelos jovens em cada momento. Isso não exclui a possibilidade de desenvolvermos uma encenação ao fim de cada módulo, ainda que esse não seja nosso objetivo final.

1. Considerações finais: espirais de aprendizagens

Para trabalhar com arte e educação de modo significativo e pleno, penso que poderíamos tentar criar uma espécie de currículo às avessas, a ser ensinado por meio de antimetodologias e na forma espiral. Não se trata de “qualquer coisa”; não se trata de “anarquismo” nem de “amor livre” (MACHADO, 2012, p. 9).

A partir de todos pensamentos e experiências vivenciadas no LuarAzul, adotamos em nossa metodologia de trabalho essa forma espiralar de aprendizagens. Com isso, os conteúdos de uma aula sempre se encontram com as aulas posteriores. Assim, o(a) aluno(a) consegue desenvolver melhor o que já aprendeu e evitamos que ele(a) se canse ou até mesmo que crie algum bloqueio relativo a algum conteúdo. Como em uma espiral, os conhecimentos anteriores são retomados, mas com algum acréscimo, de forma a construir uma nova volta em torno dos eixos corporais e artísticos.

Partindo da seguinte citação de Machado: "Para tal, é preciso discutir a fundo o que é criação, expressão, improvisação, poiesis. Poíesis: produção; fabricação; criação (MACHADO, 2012, p. 9)", considero o LuarAzul como um ateliê livre de arte, vivência e bem-estar. Nesse espaço, os alunos desenvolvem sua criatividade, improvisações, cenas, roteiros e habilidades com materiais de diversas origens, texturas e tamanhos. Ali, eles são livres para ativar sua criatividade e sua expressividade, e são acolhidos, nunca reprimidos, uma vez que suas ideias e fantasias são sempre levadas em consideração e acolhidas pelos professores-artistas e demais colegas.

Para Turner (1974), é importante que se considere:

[...] liberação das capacidades humanas de cognição, afeto, volição, criatividade, etc., dos constrangimentos normativos [...] desempenhando uma multiplicidade de papéis [sociais] ou de afiliação com algumas categorias de persuasão social como classe, casta, divisão sexual ou por idade (TURNER, 1974, in MACHADO, 2012, p. 34).

Nesse sentido, o espaço LuarAzul adota a metodologia de não classificar as turmas por idade, sexo ou classe social. Em uma mesma turma os(as) participantes encontram toda diversidade possível, lidam inclusive com crianças que possuam alguma especialidade, como o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Silva (2014, p.16) esclarece que: "o TDAH se caracteriza por três sintomas básicos: desatenção, impulsividade e hiperatividade física e mental. Costuma se manifestar na infância, e, em cerca de 70% dos casos, o transtorno continua na vida adulta"; ou o Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), que ocorre:

[...] quando é identificado um padrão recorrente de comportamentos negativos, como por exemplo desobediência, irritação e desafio. Normalmente esses comportamentos são identificados em crianças e direcionados a uma figura de autoridade, como por exemplo os pais e professores (VALVEZAN, 2021, p.1).

É importante salientar essa questão uma vez que a maioria dos discentes do espaço foi indicada por psicólogos ou psiquiatras, os quais veem em nosso trabalho um espaço auxiliar de terapia e socialização.

Nesse período, comecei a me aprofundar na psicologia infantil, estudando principalmente alguns transtornos psíquicos, conforme as demandas que surgiram durante minha atuação no LuarAzul. Isso me levou a conhecer o livro *Mentes inquietas* de Ana Beatriz Barbosa Silva²³ (2014), em que ela aborda o TDAH. Com isso, pude atentar meu olhar às crianças que apresentavam nas aulas traços desse transtorno, sendo que algumas já haviam sido diagnosticadas.

²³ Ana Beatriz Barbosa Silva é médica graduada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) com residência em psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É autora de diversos livros como *Mentes inquietas*, *Mentes consumistas* e *Mentes perigosas*.

Nesse território tão empírico, uma coisa é certa: o funcionamento cerebral TDA favorece o exercício da atividade humana mais transcendente que existe: a criatividade. Se entendermos a criatividade como a capacidade individual de ver os mais diversos aspectos da vida através de um novo prisma e então dar forma e corpo novas ideias, notaremos que a mente TDA, em meio à confusão resultante do intenso bombardeio de pensamentos, é capaz de entender o mundo sob ângulos habitualmente não explorados. Assim, quando um TDA pensa, por exemplo, na palavra azul, ele é capaz de acionar um sistema visual derivativo que a partir daí, torna possível ver o mar, céu, lazer, calma, descanso, paz, natureza, romance, música tranquila, sol, calor e assim por diante. Esse pensamento derivativo, de aspecto visual, muitas vezes é responsável por estados confusos e de desatenção; mas, por outro lado, é capaz de intensificar, de maneira bastante favorável, o processo de criatividade (SILVA, 2014, p. 122).

Esse trecho da obra mencionada explicita a capacidade de criação e imaginação existente nas pessoas com esse distúrbio. Barbosa aponta que, muitas vezes, principalmente nas escolas formais, essas crianças sofrem por se distraírem facilmente. Ao passo que, no Espaço LuarAzul, essas características são tomadas como qualidades, algo a se explorar nos campos da arte e da imaginação. Essas crianças são acolhidas e nosso foco é ajudá-las a conseguirem se socializar, experimentar o mundo de forma mais leve, entenderem-se internamente e conseguirem entender as outras pessoas que são diferentes delas.

2. REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2012
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998.
- CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- COHEN, Renato - **Work in progress na cena contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- KEISERMAN, Nara. Jogos corporais em sala de aula. *In: TELLES, Narciso, FLORENTINO, Adilson. Cartografias do ensino do teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.p.(221)-(231).
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- MACHADO, Marina Marcordes. (2010). A Criança é Performer. *In: Educação & Realidade*. 2010, 35(2), pp. 115-137. ISSN: 0100-3143.
- _____. Novos rumos para o ensino do teatro: reflexão sobre currículo e cena contemporânea. *In: Anais do VII Congresso da ABRACE – Associação brasileira de pesquisa e pós-graduação em Artes Cênicas*. Tempos de memória: vestígios ressonância e mutações. Porto Alegre, 2012.
- _____. Fazer surgir antiestruturas: abordagem em espiral para pensar um currículo em arte. *In: Revista e-curriculum*. v8 n1, 2012. ISSN: 1809-3876.

_____. (2015). Só Rodapés: Um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria. **Revista Rascunhos - Caminhos Da Pesquisa Em Artes Cênicas**, 2(1). <<https://doi.org/10.14393/RR-v2n1a2015-05>>.

MATUOKA, Ingrid. Reportagem realizada pelo Centro de Referência em Educação Integral, 2018. *Ana Mae Barbosa e a educação por meio da arte*. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte/>> Acesso em: 24/05/2022.

MORAIS, Maryana Priscilla Silva. – **A Psicomotricidade Relacional como Prática Educativa para Inclusão de Adolescentes com Deficiência Intelectual na Educação Física Escolar**. Ponta Grossa: Atena, 2019.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008. .

SATCHIDANANDA, Ashram-Yogaville. **Manual do professor curso básico de formação em Hatha Yoga Integral**. No prelo.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Inquietas**. TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade. Rio de Janeiro: Principium, 2014.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais em sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SOARES. Carmela. Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero. *In: TELLES, Narciso, FLORENTINO, Adilson. Cartografias do ensino do teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.p.(49)-(59).

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

3. VALVEZAN, Katia. Transtorno Opositor Desafiador (TOD) – Psicologia Infantil. **Blog Zenklub**. (2021). Disponível em: <<https://zenklub.com.br/blog/transtornos/transtorno-opositivo-desafiador/>>. Acesso em: 24/05/2022.

VIANA, Zelito. *Augusto Boal e o Teatro do Oprimido - Teatro Imagem*. Documentário, Brasil, 2011, 62min.; COR. Disponível em: <<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=17601>>. Acesso em: 24/05/2022.

VIEIRA, Higor. **A essência teatral e a troca sensível: a modificação afetiva do ser criador**. 2011. Monografia (Graduação em Artes Cênicas Licenciatura) - Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, p.157. 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Disponível em: <<https://covid19.who.int/region/amro/country/br>> Acesso em: 18/08/22.